

# V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura

27 a 29 de maio de 2009

Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

## A TV, O OUTRO E O MESMO:

### FIGURAS DA ALTERIDADE NO JORNAL HOJE DA REDE GLOBO

Cibele Cristina Barbosa Costa<sup>1</sup>

#### Resumo

O presente trabalho tem o propósito de aprofundar o debate sobre a televisão brasileira, especificamente o telejornalismo, e sua influência na expressão de identidades e alteridades. A questão é pertinente numa época em que a TV deixa de ser um simples eletrodoméstico para se tornar um centro de poder político ou de controle social e cultural (CHAUI, 2006), como acontece nos dias atuais. A análise do Jornal Hoje, da Rede Globo, tem o objetivo de verificar qual é o grupo identitário de referência e como transparecem as figuras da alteridade, na concepção de Éric Landowski (2002), no telejornal transmitido em rede e padronizado para todo o Brasil. Consideramos após breve investigação que o JH promove tratamento diferenciado em relação a seu grupo de referência e seus Outros.

**Palavras-chave:** televisão, telejornalismo, identidade, alteridade, TV Globo

#### INTRODUÇÃO

A televisão exerce papel central nas culturas de todo o mundo, especialmente no Brasil onde serve não só como entretenimento, mas como principal fonte de informação, de lazer e até de educação. Isto já seria argumento bastante convincente para justificar os estudos a respeito desse meio de comunicação tão influente em nosso país. Há tempos, de fato, estudiosos de comunicação se debruçam sobre suas características e os efeitos provocados nos espectadores pela pequena caixa transmissora de sons e imagens. Mas são poucas as pesquisas que relacionam TV e cultura, que buscam avaliar como e em que medida a televisão pode influenciar (ou formar) identidades culturais. E se as emissoras em rede, no caso do Brasil, partem de um referencial cultural bem demarcado ao levar sua programação para cada canto de nosso país – múltiplo e diverso por sua

---

<sup>1</sup> Jornalista, mestranda pelo programa multidisciplinar de pós-graduação em Cultura e Sociedade – UFBa.  
E-mail: cibelesbarbosa@uol.com.br

própria natureza – é também importante observar qual o lugar ocupado pelo “outro” (aquele que não faz parte do grupo identitário de referência) na tela da TV.

Este é o objetivo principal deste trabalho, que é parte de pesquisa de mestrado em andamento no programa de pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Optamos pela análise do Jornal Hoje da Rede Globo por ser um programa jornalístico apresentado em cadeia nacional que tem a pretensão de unificação do país, por ser um dos mais antigos da emissora, por registrar altos índices de audiência - chega a 43% de participação no mercado nacional, três vezes mais do que o principal concorrente na faixa horária – e por pretender desenvolver um estilo mais flexível que o Jornal Nacional com linguagem mais coloquial e abertura a reportagens mais amenas “sobre arte e cultura em todo o Brasil”<sup>2</sup>

Desta forma, nossa intenção é verificar se existe um grupo de referência identitário que predomina no programa e como são mostradas as alteridades – os grupos ou sujeitos que não se enquadram no padrão. O padrão Globo é conhecido entre os profissionais da emissora e nas escolas de Jornalismo através do Manual de Telejornalismo da Rede Globo, que chegou a ser editado formalmente na década de 80, mas hoje figura como documento sigiloso interno, voltado aos profissionais da redação.

Na primeira parte deste artigo apresentaremos o percurso conceitual sobre identidade e alteridade que nos levará à segunda parte, na qual será feita a análise de uma reportagem levando em conta os pressupostos teóricos do trabalho. A reportagem escolhida para análise foi exibida em 25 de outubro de 2008 e enquadra-se no que comumente se chama em telejornalismo de “matéria de comportamento”: trata dos costumes e, especialmente, do jeito de falar do povo baiano.

## IDENTIDADE CULTURAL E ALTERIDADE

O termo identidade é ainda hoje controverso e está permanentemente sendo posto à prova. Várias, portanto, são as definições e as possibilidades de entendimento. Segundo Kupper (2002, p. 298), identidade não é apenas um assunto pessoal: ela deve ser entendida na relação do sujeito com o mundo, num diálogo com os outros. “O eu interior descobre seu lugar no mundo ao participar da identidade de uma coletividade”. Por conseqüência, identidade cultural seria o que une (ou diferencia) um indivíduo a outros dentro de uma mesma prática cultural.

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://jornalhoje.globo.com>. Acessado em 23 de outubro de 2007.

Hall explora em seus trabalhos questões sobre a identidade cultural na pós-modernidade e avalia a chamada “crise de identidade” mundial. Ele adianta, porém que o termo “identidade” é controverso e aberto à contestação; segundo ele, é tema demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido ou compreendido pela ciência social para ser definitivamente posto à prova. Por isso, “é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas” (HALL, 2005, p. 9).

Para Hall, as velhas identidades, que por muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio. Novas identidades estão surgindo e fragmentando o indivíduo moderno, até então visto como um sujeito unificado. Ele distingue três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Interessa-nos aqui a identidade pós-moderna, que, na definição do autor,

“torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. (HALL, 2005, p.13)

Ao invés de falarmos em identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. Para Hall, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos “eus” divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude. Em tempos de globalização, ele sugere três possíveis conseqüências dessa forma contemporânea de vivenciar o mundo: as identidades nacionais estariam se desintegrando como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-modernismo global’; as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ seriam reforçadas pela resistência à globalização; ou, as identidades nacionais entrariam em declínio, mas novas identidades tomariam seu lugar. (HALL, 2005, p. 69). Muniz Sodré (1996) caminha na mesma direção ao discorrer sobre a identidade nos tempos atuais. Para ele, a identidade não é “localizável” num espaço determinado, não tem contenções físicas. O imaginário perspassa com tal força as instituições que a consciência do sujeito e suas relações são afetadas. Por isso, a palavra ‘identificação’, por sugerir processo e alteração, é provavelmente mais forte do que ‘identidade’, com seus traços de estabilidade e unidade” (SODRÉ, 1996, pp. 178-9).

No texto *Quem precisa da identidade?* (2007), Hall considera a crítica severa que o termo identidade tem sido alvo pelos estudos desconstrutivistas, por supostamente “não dar mais conta” das relações na contemporaneidade. Ele justifica a continuidade do estudo das questões de identidade por dois motivos: primeiro porque, se o conceito está “sob rasura”, ele ainda não foi dialeticamente superado e, portanto, não há ainda outros conceitos que possam substituí-lo (se a identidade não pode mais ser pensada da forma antiga, como significando a unidade estável e imutável, sem ela há certas questões-chaves que não podem ser sequer pensadas); segundo porque o termo é importante para a política, no contexto das políticas de identidade. Por isso ele reforça que, ao se pensar a questão da identidade na relação entre sujeitos e o processo de subjetivação, é melhor falar em identificação (embora, para o autor, “identificação” é conceito quase “tão ardiloso – embora preferível – quanto o de identidade” (HALL, 2007, p. 105)

Já Canclini (2006, p.190) afirma que “ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma *entidade* em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável”. Nesses territórios a identidade, para ele, é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos. Quem não compartilha o mesmo território, nem o habita (e, portanto, não tem os mesmos objetos e símbolos, os mesmos rituais e costumes) são os outros, os diferentes. Canclini (2006, p. 93) reforça a influência das grandes corporações midiáticas na formação da identidade cultural dos cidadãos:

“Ao subordinar a interação entre os agentes do campo artístico a uma única vontade empresarial, tendem a neutralizar o desenvolvimento autônomo do campo (artístico). Quanto à questão da dependência cultural, apesar de a influência imperialista das empresas metropolitanas não desaparecer, o enorme poder da Televisa, da Rede Globo e de outros órgãos latino-americanos está transformando a estrutura de nossos mercados simbólicos e sua interação com os dos países centrais”.

O autor vai mais além, em sua crítica à homogeneização das diferentes identidades culturais de um país e suas diferenças no campo artístico. E indaga: para que serve uma política que tenta abolir a heterogeneidade cultural? De acordo com o autor, serve para suprimir algumas diferenças e marcar outras. Divulgar de forma massiva o que alguns entendem por ‘cultura’ nem sempre é a melhor maneira de fomentar a participação democrática e a sensibilização artística. “Democracia é pluralidade cultural, polissemia

interpretativa. Uma hermenêutica ou uma política que fecha a relação de sentido entre artistas e público é empiricamente irrealizável ou conceitualmente dogmática” (CANCLINI, 2006, p.156).

Numa perspectiva ainda mais crítica podemos situar Paul Gilroy (2001), cujo pensamento singular sobre identidade, raça, constituição do mundo ocidental e o chamado Atlântico Negro é capaz de chocar os estudiosos mais tradicionais pelo modo como interpreta questões de conceitos quase cristalizados. Mas a sua nova visão sobre “velhas idéias” vem ganhando cada vez mais espaço nos círculos acadêmicos em todo o mundo e subvertendo esses mesmos conceitos.

Gilroy propõe que, para o melhor entendimento do mundo ocidental, é preciso dar a devida importância à diáspora que o constituiu. O termo diáspora, que surgiu na Grécia como idéia de movimento de pessoas, foi logo utilizado para designar a dispersão do povo judeu pelo mundo. Hoje a palavra é usada para caracterizar o movimento dos negros entre países e entre continentes. E para Gilroy, a diáspora modela o que ele chama de Mundo Atlântico Negro e defende que todos os movimentos e deslocamentos através do Atlântico foram determinantes para a criação de uma identidade mutável, híbrida e multicultural não só dos negros, mas de todo o ocidente.

O autor de *Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, diz que o mundo atlântico é uma unidade de análise. Em todos os lugares existe algo em comum que é a recriação cultural. Portanto, para ele, não se pode falar de uma identidade – ela está sempre se construindo e por causa da escravidão. Segundo Gilroy, para entender o contexto contemporâneo é preciso entender a escravidão, pois o Ocidente é resultado do encontro e das trocas culturais entre negros, brancos, índios, asiáticos. Existe um alto teor de hibridismo nas trocas atlânticas.

Gilroy rejeita a imagem de nações, raças ou grupos étnicos totalmente ordenados que reproduzem e expressam culturas completamente diferentes. “A diáspora é um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento” (GILROY, 2001, p.18), diz. A proposta é pela reconceitualização de cultura a partir do sentimento de desterritorialização; surge aí a idéia de culturas viajantes. Diáspora, pois, deixa de ser apenas sinônimo de movimento.

O desejo de transcender tanto as estruturas de estado-nação quanto os limites da raça, da etnia ou das particularidades nacionais é, pois, o cerne da noção de Atlântico Negro como base de uma especificidade de formação política e cultural da modernidade. Gilroy é contrário a uma idéia de “identidade negra” e, na base de sua argumentação,

pode-se dizer também que o autor rejeita a noção de “identidade” como uma unidade plana e acabada, individual ou coletiva.

Por fim, interessa-nos particularmente as concepções de Landowski (2002), que diz haver duas formas de se conceber a identidade, o que é ser “si mesmo”. Um sujeito, para ele, não pode apreender a si mesmo a não ser negativamente, em oposição a um “outro”, que ele constrói como figura antitética para se situar com o seu contrário. No plano das estratégias discursivas usa-se os estereótipos não como descrição do Outro, mas como meio de reafirmar sua diferença. Por outro lado, ter uma identidade não é apenas ser “outro que não o Outro”. É também simplesmente existir, é dar sentido ao que se faz com sua própria vida ou entender a que a própria vida faz de nós.

“Por mais frágil e vaga que seja essa intuição, ela fundamenta para o sujeito a possibilidade de um outro modo de construção de sua identidade, e, por isso mesmo, abre caminho, tanto no plano cognitivo quanto no plano prático, para outros tipos de atitudes e de relações perante outrem” (LANDOWSKI, 2002, p. 26).

Desta forma a identidade, ou identificação, não pode ser entendida de forma isolada. Coletivamente, acabam-se as certezas de um Nós plano, imóvel e satisfeito e começa o questionamento de um Nós inquieto, em construção – que busca a si mesmo em sua relação com o Outro.

Após todas as exposições conceituais acerca do termo identidade, preferimos neste trabalho situá-lo no sentido de identificação, em sua relação com a alteridade; por vezes, poderemos também usar os termos “grupo identitário” ou “grupo de referência”, para designar uma coletividade que partilha dos mesmos tipos de identificação, e “traços identitários” para identificar aspectos específicos peculiares a este grupo.

### **O grupo de referência e as figuras da alteridade**

No conteúdo apresentado pela televisão supõe-se que não há o reconhecimento da alteridade – a aceitação pura e simples do Outro. De acordo com Figueiredo e Porto (2007), a sociedade majoritária chamada de “grupo de referência” (que poderíamos entender como sendo a referência também dos programas televisivos), pode exercer com seus Outros a exclusão ou a assimilação. As diferenças, para as autoras, são posicionais e não de substância. Mas tende a converter-se numa série de posições substanciais, tornando possível o surgimento de uma variedade de figuras do Outro. O

grupo de referência fixa, pois, o quadro de traços diferenciais que servem para construir, diversificar e estabilizar o sistema das figuras do Outro. Essas diferenças, ou traços diferenciais marcados, promovem a emergência das figurações de alteridade, que vai separar o Um de seu Outro, surgindo daí os estereótipos. Dois planos são mobilizados na produção da diferença: o referencial, em que a diferença se baseia em termos biológicos ou sociológicos; e o semiótico, em que ela passa a ser significativa e visa à construção de sentido e de valores dentro de um dado universo.

Peterson (2007, p. 13) levanta uma questão: “Como explicar as noções de diferença e de alteridade em um contexto multiétnico sem visar alguns grupos e sem ratificar estereótipos execráveis?” A resposta é complexa. A noção de diferença, diz a autora, é fundamental para os nossos processos cognitivos: saber que dia não é noite, diferenciar uma criança de um adulto, saber que mulher é biologicamente diferente do homem – são questões fundamentais que permitem construir o sentido do mundo. De acordo com Saussure, ao nível da língua, não se pode “identificar unidades, seja sobre o plano fonológico ou semântico, senão pela localização de diferenças que as definem entre si” (LANDOWSKI apud PETERSON, 1997, p. 15). E as diferenças, no plano das cognições, são posicionais, quase indeterminadas quanto aos conteúdos das unidades a que elas opõem. Em outras palavras, não são diferenças de substância, mas simplesmente desvios, uma outra forma de enxergar o mundo.

Peterson diz que a alteridade pressupõe a presença de um grupo de referência (religioso, familiar, social, político, nacional etc) que promoverá um conteúdo semântico nas diferenças de uma pessoa ou de um grupo minoritário. “Deste modo, para que haja alteridade, as diferenças tornam-se significantes em vista da construção de um universo de sentido e de valor” (PETERSON, 2007, P.14). Na construção da alteridade, não há fronteiras naturais entre o Nós e os Outros; existem apenas demarcações que são por nós construídas. Daí o fato de que a atribuição da alteridade varie de uma sociedade para outra, de uma época para outra.

“Em resumo: entre diferença e alteridade, o que está em jogo não é a diferença, seja ela física, religiosa, étnica ou outra, mas a alteridade que resulta de uma semantização de traços diferenciais. As conseqüências dessa semantização na sociedade são enormes como revela a história das mulheres, das raças e das religiões minoritárias” (PETERSON, 2007, p. 15).

Algumas pessoas escolhem viver a alteridade – uma vida fora das normas – a semantizarem as suas próprias diferenças. Para estes - os gênios, os marginais, os vagabundos - a alteridade seria uma forma de identidade.

### **Alteridade e figuras do Outro**

Nesse movimento de entender a alteridade e em conseqüência o próprio Eu, Landowski (2002, p. XII) nos lembra que o Outro não é apenas o dessemelhante. É também o termo que falta, aquele cuja não-presença atual nos “mantém em suspenso e como que inacabados, na espera de nós mesmos”. Na contemporaneidade, o Outro está mudando de estatuto. Não basta mais entender o exotismo de outras culturas: agora é preciso viver, no cotidiano, com essas outras culturas, com o que entendíamos como diferentes. O grupo de referência se apressa em supervalorizar ou depreciar as manifestações dos Outros, sem se preocupar com o significado que elas assumem nos sistemas de valores, crenças e ações de que fazem parte. A alteridade é imediatamente desqualificada enquanto sujeito: aparentemente sua singularidade não remete a nenhuma identidade. O “Sr. Todo Mundo” (o homem comum, plenamente adaptado à cultura local, segundo Landowski sobre a sociedade francesa) muitas vezes não dirige uma animosidade declarada ao Outro “porque ele é outro”, mas ele vai em auxílio dos que chegam para que se livrem daquilo que os fazem outros – em suma, reduz o Outro ao Mesmo para que possa se integrar ao novo ambiente que escolheu.

Por outro lado, diz o autor, diferente do discurso de assimilação da alteridade, há o discurso de exclusão: gesto passional que tende à negação do Outro enquanto tal. Ou seja, assimilar ou excluir são duas atitudes possíveis. E há pressupostos (e preconceitos) comuns aos dois casos. Trazendo a questão para nosso objeto de pesquisa, podemos afirmar que o Jornal Hoje, assim como os demais telejornais da emissora Rede Globo, padroniza a cultura brasileira para assimilar a todos. A padronização é de natureza lingüística (o uso de uma linguagem comum, sem regionalismos, e a uniformização dos sotaques de repórteres e apresentadores) e nas questões de aparência (o vestuário, a maquiagem, os cortes de cabelo dos profissionais do jornal).

A alteridade face a uma identidade de referência só pode ser pensada como uma diferença vinda de outro lugar e que assume a forma de uma ameaça. Aí existe uma contradição: o grupo assimilador (ou que pratica a exclusão) ao tolerar a heterogeneidade demais em seu interior, logo não reconheceria a si próprio. E outro paradoxo diz respeito ao facto de que o próprio grupo é que faz existir a

heterogeneidade, a diferença. O grupo de referência cria as desigualdade e distâncias (talvez sem mesmo perceber) entre grupos sociais.

Estas distâncias ou “diferenças”, nos discursos e representações que as sustentam, tendem a manifestar-se numa série de oposições substanciais. Assim surgem traços figurativos particulares, passam a existir

“toda uma variedade de figuras do Outro tão diversificadas e, por assim dizer, tão reais quanto numa galeria de retratos – ou num fichário de polícia. [...] É a partir de muitas trocas interindividuais que o sujeito coletivo que ocupa a posição do grupo de referência – instância semiótica evidentemente difusa e anônima - fixa o inventário dos traços diferenciais que, de preferência a outros possíveis, servirão para construir, diversificar e estabilizar o sistema de ‘figuras do Outro’ que estará, temporária ou duradouramente, em vigor no espaço sociocultural considerado” (LANDOWSKI, 2002, p. 13).

A diversidade de combinações que são possíveis entre esses traços permite a multiplicação das figuras singulares do estranho e do inquietante: silhuetas genéricas e fluidas, como as do “marginal”, do “imigrante”, do “gringo”, do “nordestino”, do “favelado”, do “velho”, do “paulista”, do “baiano”, etc. São estereótipos que, uma vez construídos, se reforçam na mesma proporção do uso que se faz deles. E o discurso da mídia cumpre aí um papel determinante, segundo o autor.

Landowski não ignora que a escolha de rótulos pode parecer arbitrária e discutível. Mas recorre a eles para construir uma “gramática”, um modelo teórico capaz de cobrir a diversidade de modos de relação conceitualmente consideráveis entre um grupo qualquer e o seu Outro. Assim tem-se que, além da **assimilação** ou da **exclusão**, são possíveis a **segregação** e a **admissão**. Nenhum dos termos é inocente, diz o autor, e cada um tem sua história.

A **exclusão** é a reprovação pura e simples, bem demarcada pelo grupo de referência. A **assimilação** é a redução do Outro ao Mesmo para se integrar, como dissemos. Já a **segregação** pode ser a posição de se situar a meia-distância entre a assimilação e a exclusão, que faz surgir um estado de tensão, de ambivalência desta configuração de precário equilíbrio entre os dois pólos contrários. Na segregação não há exclusão absoluta: é uma espécie de discriminação (é como o que ocorre com os “velhos” das famílias, que não são abandonados, mas deixados de lado, à parte...).

Tal como a segregação dependia da não-exclusão e supunha a “mesmidade”, a **admissão** depende da não-disjunção e só é viável com base na reminiscência contrária: a de sujeitos (ou grupos) terem sido separados. Enquanto a segregação é uma forma de evitar o pior, a admissão possibilita de uma certa forma uma coexistência mais feliz. Há ainda, para o autor, uma outra opção: admitir que a alteridade do Outro não é pura exterioridade, mas um elemento constitutivo da identidade do Nós – o que implica um gesto de abertura, de aceitação. Haveria (hipoteticamente, para o autor) um momento em que, de tanto os indivíduos descobrirem o que os diferencia, aspirariam então se fundir e tenderiam a confundir-se numa nova totalidade. Aí há o perigo de ou renunciar à própria identidade ou então tomar posse e coisificar o Outro, despojando-o daquilo que o faz outro.

Landowski cita Sartre (2002, p, 24, nota de rodapé) quando diz que o sonho do amante é identificar-se com o objeto amado, conservando ao mesmo tempo sua identidade: “que o outro seja eu, sem deixar de ser o outro”.

## O SOTAQUE BAIANO

Apresentamos a seguir a transcrição do áudio da reportagem exibida em 25 de outubro de 2008 no Jornal Hoje sobre o sotaque e os costumes baianos. Tal reportagem foi escolhida dentro de um quadro amostral de edições gravadas em cinco meses de observação do referido jornal (entre julho e novembro de 2008) por separar muito bem o Outro e o Mesmo, a nosso ver, conforme o exposto no referencial teórico deste artigo. Na sequência, vemos a análise feita com base nas teorias do grupo de referência e das figuras da alteridade.

**Cabeça** – Rosana Jatobá: A fala mansa e sossegada do baiano é inconfundível, mas nem sempre é fácil entender algumas expressões. Você sabe o que significa por exemplo “bolacha quebrada”? O repórter José Raimundo explica para a gente.

**Off 1:** José Raimundo: (...sobe som de capoeira)

O gingado e o espírito festeiro são a cara da Bahia. Mas o jeito de falar dos baianos também é inconfundível.

**Povo-fala baianos:** “fala meu rei”, “ô painho, você voltou? É você mesmo painho?”

**Off 2:** Não há turista que resista a tanto aconchego.

**Sonora turista:** “Eu acho o sotaque baiano gostoso, engraçado... tem coisas que eu não entendo”.

**Passagem:** É uma herança africana grande parte desse vocabulário, dizem os pesquisadores. Quando chegaram à Bahia, os escravos adaptaram ao Português expressões de suas línguas originais. E nos mercados, nas feiras livres de Salvador, é onde mais se houve esse dialeto. Mas é uma zoada arretada. Ah, desculpe, você que não é da Bahia: é uma barulho danado!

(sobe-som feira, homem com megafone)

**Off 3:** Em meio à gritaria, há sinônimos diferentes para qualquer situação.

**Sonora:** P - Vendendo muito aí?

R - Roque dos santos, comerciante: Que nada rapaz, aqui ta amarrado de corda?

P – amarrado de corda?

R – é, movimento muito fraco.

**Off 4:** E se o freguês reclamar dos preços...

**Sonora:** Leda de Jesus, comerciante

“Baiano gosta mesmo sabe de que é? É de bolacha quebrada. Coisa barata, porque baiano é canguinha...”(risada)

**Off5:** Essas pérolas são colecionadas por este engenheiro carioca. Ele é o autor do dicionário baianês.

**Sonora:** Nivaldo Lariu, engenheiro

“O resto do país ao se referir a perfume barato, deve dizer perfume barato, perfume vagabundo. Aqui como é que é? Você sabe... espanta nigrinha...”

**Off 6:** A curiosa linguagem baiana foi parar no teatro. É parte de uma peça há nove meses em cartaz que faz uma reflexão sobre as origens da língua portuguesa.

(sobe-som peça)

**Sonora:** Urias Lima, ator

“Eu diria que o sotaque baiano é o tempero mais forte, é a pimenta da língua brasileira”

**Off 7:** No palco, nas praias, nas ruas: o sotaque baiano é um caldeirão de criatividade e bom humor.

**Sobe-som, baiana de acarajé:**

“ôxe, ta me filmando é? Ó pai ó...” (risada)

## **Análise**

Como vimos, Peterson (2007) diz que a alteridade pressupõe a presença de um grupo de referência. Podemos entender que tal grupo se forma por uma série de identificações, que acabam por construir traços identitários que o define ou o separa de seus Outros – também identificados por diferenças construídas, demarcadas.

Na reportagem citada, percebemos algumas marcas de como a alteridade aparece em relação ao grupo de referência - o grupo tomado como “padrão” pela Rede Globo. Interessante observar que a Rede Globo possui um manual de telejornalismo, que chegou a ser editado na década de 80, mas que foi retirado do mercado editorial e hoje permanece como documento sigiloso, disponível apenas para os profissionais da redação. Por ora, admitimos que existe esse grupo de referência (ou grupo identitário) - baseado em padrões lingüísticos, de comportamento, de aparência, na forma de os apresentadores e repórteres se vestirem, etc - dos estados do Sudeste brasileiro.

Começamos por perceber as ironias que envolvem o corpo profissional da emissora, no tocante à referida matéria sobre os baianos. A apresentadora Rosana Jatobá é baiana de Salvador e há mais de 10 anos trabalha na Rede Globo, atualmente no quadro fixo “previsão do tempo” do Jornal Nacional, mas por vezes apresentando o Jornal Hoje, aos finais de semana, em substituição aos apresentadores cativos Sandra Anemberg e Evaristo Costa. Rosana já não demonstra nenhum sotaque regional nordestino – sua fala é pasteurizada, se confunde com a dos outros apresentadores ou repórteres fixos do JH ou de qualquer telejornal da rede. Na apresentação desta matéria, ela se coloca em situação neutra e lê o texto da cabeça como se o sotaque baiano não lhe fosse familiar. O repórter José Raimundo – responsável pela matéria - também é baiano, sediado na praça de Salvador da Rede Bahia, afiliada da Rede Globo. Na reportagem, ele se porta como um tradutor do “dialeto” baiano para os não-baianos, mas se situa ao lado do grupo de referência do jornal e não das pessoas retratadas na matéria.

Na reportagem propriamente dita, podemos ver que não há o reconhecimento da alteridade pura e simplesmente: há uma clara diferenciação dos baianos com o grupo de referência do JH, o padrão da Globo. Como dizem Figueiredo e Porto, são diferenças posicionais marcadas – o sotaque diferente (diferente em relação a quem e a quê?), as roupas do capoeirista e da baiana de acarajé (que nem são as roupas usadas no dia-a-dia pelo baiano comum, mas que são difundidas na TV como se o fossem...), o lugar da tradição e não da modernidade, mais próximo da África que do Brasil (perceptível nas

cenar da feira, na menção aos escravos). Trata-se de um quadro da Bahia turística e dos baianos bastante estereotipados.

Como diz Peterson, o grupo de referência se apressa em supervalorizar ou depreciar as manifestações do Outro. No caso, percebemos uma depreciação disfarçada de valorização: a turista gosta do sotaque dos baianos, acha engraçado, mas muitas vezes não entende o que se fala. O baiano se configura então, como uma figura do Outro, do diferente.

Seguindo as formas possíveis de tratamento deste Outro, propostas por Landowski, percebemos uma combinação de possibilidades.

De antemão, há a **segregação**, principalmente ao tratar de forma engraçada e caricatural o jeito de falar dos baianos, fazendo questão de diferenciar as marcas lingüísticas, o sotaque e as expressões em relação a “quem não é baiano”. Isso é claro no texto da reportagem desde a cabeça, quando a apresentadora diz que a fala do baiano é mansa e sossegada, mas nem sempre é possível entender o que ele diz. E prossegue no corpo da reportagem. Na passagem, José Raimundo diz:

“É uma herança africana grande parte desse vocabulário, dizem os pesquisadores. Quando chegaram à Bahia, os escravos adaptaram ao Português expressões de suas línguas originais. E nos mercados, nas feiras livres de Salvador, é onde mais se houve esse dialeto. Mas é uma zoada arretada. Ah, desculpe, você que não é da Bahia: é uma barulho danado!”

O repórter chama de dialeto a fala dos baianos, que no contexto adquire um tom que pode ser entendido como pejorativo. E ao usar uma expressão idiomática, emenda: “Ah desculpe, você que não é da Bahia...”

Também se percebe a **segregação** na fala da turista que não entende o que se diz na Bahia, na forma caricatural como são apresentados os regionalismos lingüísticos falados pelos entrevistados, no fato de o repórter se portar como um “tradutor” do baianês, no fato de um carioca (pessoa de fora da Bahia) ter escrito um livro sobre o baianês denotando autoridade, na fala do ator quando diz que o sotaque baiano é “a pimenta da língua brasileira”, no off final quando é dito que o sotaque baiano é um caldeirão de bom humor - para não excluir totalmente esse jeito “diferente” de falar, coloca-se o baiano como o engraçado, o risível.

A **assimilação**, segunda categoria de Landowski, também é evidente principalmente nas figuras do repórter e da apresentadora. José Raimundo, baiano de Salvador, faz muitas matérias para a rede, mas aqui se porta como “um de nós” infiltrado no território do Outro. Menos evidente, mas também perceptível, é a assimilação da baiana Rosana Jatobá – não é possível saber pela sua apresentação que ela é baiana, é preciso uma informação privilegiada de sua origem, tão assimilada ela está por viver há muito tempo em São Paulo e pertencer ao quadro fixo de apresentadores da Globo.

Há **assimilação** também da Bahia turística, das belas paisagens, daquilo que é atrativo para quem vem de fora.

Não pudemos perceber nenhum traço de **admissão**, que seria o reconhecimento do Outro como outro, sem estereótipos nem preconceitos.

No que não foi mostrado na reportagem, no que ficou de fora, notamos a **exclusão** do baiano como ele é, com suas diferenças em relação ao sujeito do grupo de referência no seu modo de se vestir, de se portar, nas particularidades de sua forma de falar, na sua culinária e na sua origem.

Interessante também perceber que a única figura de autoridade da reportagem é o engenheiro carioca que escreveu o dicionário de baianês. É como se fosse necessário um não-baiano aprovar o modo de ser do baiano para que ele possa ser “assimilado” pelo Brasil da Rede Globo.

## CONSIDERAÇÕES

Pela análise de uma única reportagem do Jornal Hoje é possível perceber as diferenças de posicionamento entre o grupo de referência do JH e seus Outros (os que não são paulistas nem cariocas, não têm sotaque “familiar” aos Estados do Sudeste, têm costumes e modos de falar considerados “diferentes”, apreciam uma culinária considerada exótica etc). Acreditamos que essas diferenças marcadas e expostas na tela da TV, no entanto, não se resumem às diferenças culturais impostas pela geografia por se tratar de localidades diferentes e distantes - já que a matéria jornalística é ambientada em Salvador-BA, enquanto a produção e exibição do Jornal Hoje se concentra no eixo Rio-São Paulo - mas atingem o campo do socialmente construído, culturalmente estigmatizado e estereotipado.

Como adiantamos na introdução deste artigo, este trabalho terá continuidade com a análise de outras reportagens dentro do período recortado. Veremos como, no Jornal Hoje, são mostradas outras figuras da alteridade, entre elas os idosos, as crianças, os

povos indígenas, os membros de movimentos sociais (como os sem-terra, por exemplo), entre outras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas**. Trad.: Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão; Gênese Andrade. Edusp, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernardette Velloso. **Figurações da Alteridade**. Niterói: EdUFF, 2007
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34 Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Quem precisa da identidade?” In.: **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2007.
- JORNAL HOJE. Disponível em <http://jornalhoje.globo.com/>, acessado em 14 de agosto de 2007.
- KUPPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: São Paulo, EDUSC, 2002.
- LANDOWSKI, Éric. **Presenças do outro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002
- MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª edição, 2002.
- PETERSON, Janet M. “Diferença e alteridade: questões de identidade e de ética no texto literário”. In.: **Figurações da Alteridade**. FIGUEIREDO, Eurídice & PORTO, Maria Bernadette Velloso (organizadoras). Niterói: EdUFF, 2007.
- REDE GLOBO DE TELEVISÃO. Disponível em <http://institucionaltv.globo.com/>, acessado em 21 de setembro de 2006 e <http://comercial.redeglobo.com.br/>, acessado em 09 de junho de 2007.

RUBIM, Antonio Albino Canelas e RUBIM, Lindinalva Silva Oliveira. “Televisão e políticas culturais no Brasil contemporâneo”. In: **Políticas Culturais na Ibero-América**. Coleção CULT, vol 4. Antonio Albino Canelas Rubim e Rubens Bayardo (orgs.) Salvador: Edufba, 2008

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.